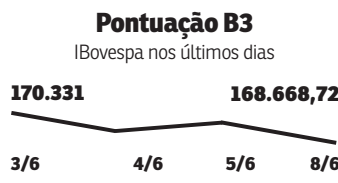
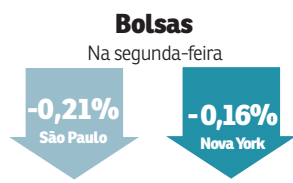




8 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 9 de junho de 2026



Na segunda-feira

R\$ 5,18
(+0,45%)

Dólar

| | Últimos |
|---------|---------|
| 1/junho | 5,022 |
| 2/junho | 5,009 |
| 3/junho | 5,066 |
| 5/junho | 5,157 |

Salário mínimo

R\$ 1.621

Euro
Comercial, venda na segunda-feira

R\$ 5,975

CDI
Ao ano

14,40%

CDB
Prefeito 30 dias (ao ano)

14,35%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)

| | |
|----------------|------|
| Dezembro/2025 | 0,33 |
| Janeiro/2026 | 0,33 |
| Fevereiro/2026 | 0,70 |
| Março/2026 | 0,88 |
| Abril/2026 | 0,67 |

CRISE GLOBAL

Inflação se consolida acima da meta de 2027

Pessimismo toma conta dos mercados mundiais e afeta previsões para o Brasil. IBGE divulga, hoje, IPCA de maio, que virá alto

» RAPHAEL PATI
» PEDRO JOSÉ*

A guerra no Oriente Médio pressiona os preços no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Hoje, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulga, pela manhã, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de maio, com a expectativa de mais um forte aumento da inflação. A carestia é percebida, sobretudo, nos alimentos — que acumulam alta de quase 5% nos últimos 12 meses — e nos combustíveis, que seguem pressionados pela restrição da passagem de navios petrolíferos pelo Estreito de Ormuz, no Irã.

Ontem, agentes do mercado financeiro elevaram novamente a projeção para o IPCA em 2026. A mediana das estimativas projeta uma inflação a 5,11% no fim do ano. Os dados foram publicados no *Boletim Focus*, divulgado pelo Banco Central. Há quatro semanas, a expectativa era de 4,91% no fechamento de 2026. Para 2027, a estimativa também avançou, alcançando 4,03%. As projeções para os anos seguintes, porém, permanecem mais próximas da meta inflacionária, com expectativa de 3,65% em 2028, e de 3,50% em 2029.

Em relatório divulgado ontem, a XP é mais pessimista em relação à trajetória dos preços no país. A corretora prevê um avanço de 5,5% no acumulado de 12 meses até o fim do ano, muito acima do teto da meta prevista pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), de 4,5%. “Os preços de bens industrializados refletem a pressão nos custos globais. De fato, os preços ao produtor vêm aumentando substancialmente ao redor do mundo desde o início da guerra”, avalia a agência de investimentos, no relatório Onde Investir em 2026.

A persistência das pressões inflacionárias também levou o mercado a revisar para cima as expectativas para a taxa básica de juros. A projeção para a Selic ao fim de 2026 subiu para 13,5% ao ano, ante 13% esperados há um mês. Para junho,

Amirhossein Khorgoei/ISNA/AFP



Petrolíferos fundeados no Estreito de Ormuz: Incertezas no mercado de petróleo aumentam pessimismo com desempenho das economias globais

a expectativa está em 14,25%. Para o ano que vem, a previsão avançou para 11,5%, enquanto as projeções para 2028 e 2029 permanecem em 10%.

Para o professor de economia do Instituto de Educação Superior de Brasília (Iesb) Riezo Almeida, o Banco Central (BC) precisará adotar uma postura “extremamente dura” para reconquistar a credibilidade do regime de metas. “Manter os juros em patamar significativamente restritivo por mais tempo é o remédio amargo, porém indispensável, para evitar o descarrilamento inflacionário no segundo semestre”, avalia o acadêmico, que ressalta o ambiente global de incertezas geopolíticas alinhado com a

proximidade das eleições para projetar uma Selic ainda elevada.

“O mercado está precificando uma conjuntura de pressões cambiais, incertezas fiscais domésticas e choques de oferta globais — como a recente escalada dos preços de commodities e petróleo devido às tensões internacionais”, avalia Almeida, que prevê a manutenção da taxa (de juros) na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) ou, no máximo, um último corte de 0,25 ponto percentual no encontro marcado para 16 e 17 de junho.

Impacto mundial

Uma das principais agências de classificação de risco do mundo,

a Fitch Ratings alterou, ontem, a perspectiva para o setor soberano global em 2026 de “neutra” para “em deterioração”, em razão do impacto econômico da guerra entre os EUA e Israel contra o Irã. Na prática, os agentes prevêem que o conflito prolongado enfraquecerá o crescimento do PIB em nível global, além de elevar a inflação e os rendimentos dos títulos soberanos. “No entanto, a recente resiliência da economia global e as condições de financiamento atenuam os riscos”, ressaltou a agência.

Apesar da visão pessimista da economia mundial, a Fitch acredita que os efeitos na América Latina devem ser menores em relação à atividade econômica, devido

a condições macroeconômicas favoráveis. No Brasil, o *Boletim Focus* também elevou a previsão de crescimento do PIB em 2026 para 1,91%. Há quatro semanas, os agentes previam um crescimento de 1,85%. Para os anos seguintes, as estimativas permanecem praticamente inalteradas, com expansão de 1,7% em 2027 e de 2% tanto em 2028 quanto em 2029.

No mercado cambial, o cenário aponta para uma valorização relativa do real. A estimativa para o dólar ao fim de 2026 recuou de R\$ 5,20 para R\$ 5,15. Para 2027, a projeção caiu de R\$ 5,30 para R\$ 5,20. No curto prazo, os analistas projetam a moeda norte-americana em R\$ 5 em junho, e em R\$ 5,03 em julho.



Manter os juros em patamar significativamente restritivo por mais tempo é o remédio amargo, porém indispensável, para evitar o descarrilamento inflacionário no segundo semestre*

Riezo Almeida, professor de economia/iesb

Para o professor de economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Renan Pieri, o principal obstáculo para que o Brasil consiga consolidar um ciclo sustentável de redução dos juros está na situação fiscal do país. Segundo ele, a rigidez do Orçamento público e o avanço da dívida mantêm elevada a percepção de risco dos investidores.

“O Brasil gasta muito em custeio obrigatório e investe pouco, e o investimento acabou virando variável de ajuste. Com a dívida em trajetória de alta e o IPCA a 5,11%, acima do teto da meta, o mercado cobra um prêmio de risco elevado para financiar o governo, e esse prêmio mantém a taxa neutra alta”, explica.

Na avaliação do economista, o fator fiscal tem peso maior do que os elementos externos na formação do atual custo do crédito. Embora o cenário internacional influencie as condições financeiras globais, Pieri afirma que a maior parte do prêmio de risco pago pelo Brasil decorre de questões domésticas.

TRANSPORTES

Socorro bilionário para empresas aéreas

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou, ontem, a medida provisória que libera R\$ 1 bilhão em crédito emergencial para prestadores de serviços aéreos. Os recursos serão autorizados por meio de operações oficiais de crédito. A MP, que já está em vigor, abre crédito extraordinário de R\$ 1 bilhão para apoiar o financiamento das atividades das empresas responsáveis pelos serviços aéreos regulares no Brasil.

Segundo a exposição de motivos da MP, a totalidade dos recursos será destinada exclusivamente ao financiamento de capital de giro, ou seja, das despesas diárias das companhias, como pagamento de fornecedores, combustível, manutenção e folha salarial. De acordo com o governo, o objetivo da

medida é garantir liquidez às empresas e evitar cortes de voos que afetem os passageiros.

Para acessar o dinheiro, as empresas precisarão apresentar demonstrar a situação financeira e operacional, com a comprovação dos impactos da alta do combustível de aviação e da necessidade de acesso à linha emergencial. As companhias também terão que comprovar a ausência de impedimentos judiciais e extrajudiciais, além de demonstrar capacidade de pagamento.

Cada empresa poderá contratar valor equivalente a até 1,6% do faturamento bruto anual registrado em 2025, não podendo ultrapassar R\$ 330 milhões por beneficiário. Os recursos devem ser liberados até 28 de junho.

Todas as empresas terão prazo máximo de seis meses para o pagamento. O modelo aprovado prevê amortização em parcela única.

Dessa forma, a companhia receberá o dinheiro agora e quitará a dívida no fim do prazo. Caso a empresa atrase o pagamento, será punida com juros de mora de 1% ao mês e multa de 2% sobre o valor devido.

Crise internacional

A iniciativa foi adotada em meio ao aumento dos custos enfrentados pelo setor, devido à alta do querosene de aviação. O combustível tem sido impactado pelo cenário internacional e pela escalada dos conflitos no Oriente Médio, fatores que pressionam as despesas operacionais das empresas aéreas.

O presidente da Latam, Jerome Cadier, decidiu reduzir a oferta de voos em junho e julho em cerca de 3% da operação planejada para o mês. Em entrevista à Reuters, durante a reunião anual da Associação

Internacional de Transporte Aéreo (Abeart), ontem, no Rio de Janeiro, Cadier disse que a decisão foi motivada pela alta do petróleo e que a expectativa é de mais ajustes no próximo trimestre.

No entanto, o executivo acredita que a companhia conseguirá cumprir a previsão de crescimento em relação ao ano passado, mesmo que em um ritmo mais fraco que o planejado.

No fim da semana passada, o presidente da Azul, John Rodgers, também anunciou corte nos voos para tentar mitigar os efeitos do aumento dos custos operacionais. Segundo ele, a medida busca preservar o caixa diante de um ambiente marcado por incertezas.

Rodgers ainda disse que os cortes feitos inicialmente não foram suficientes, mas a empresa está se adequando à redução da

Reprodução/Redes sociais



Aéreas reduzem número de voos para enfrentar o aumento de custos

frota, assim como as outras companhias, à medida que a guerra no Oriente Médio se prolonga. “Quando fizemos nossos cortes iniciais, pensamos que a guerra já teria terminado”, disse o

executivo em entrevista antes de uma reunião de líderes de companhias aéreas globais.

*Estagiários sob a supervisão de Vinicius Doria